

Por isso, a gramática histórica é, de fato, comparação entre vários sistemas estáticos ou “estados de língua”, que correspondem a uma série de momentos convencionalmente escolhidos como típicos. (p. 82)

Com isso ficou de fora aquela força vital que impulsiona as línguas, definidas por Humboldt como *enérgeia*, omissão que é erro grave, pois, como observa Coseriu, “o mudar pertence à linguagem por definição: é um fato axiomático” (p. 85). Como estudá-lo, então?

A nosso ver, complementando a sincronia e a diacronia com a História (*Sincronia, Diacronia, História* é exatamente o título de um dos mais belos estudos de Coseriu). A História se situa ao longo da verticalidade do tempo, onde coloca alguns postos de observação, de natureza econômica, política, intelectual, cultural, enfim. Depois projeta esses dados em globo sobre o tempo espacial, ou seja, sobre a faixa sincrônica de Saussure. Quando se trata de fenômenos da linguagem humana, concentra esses fatores num feixe explicativo que possa dar conta das mudanças ocorridas. É fortemente retrospectiva e fracamente prospectiva. Nessa perspectiva é que se podem colocar as buscadas causas da mudança das línguas, que Coseriu passa em revista crítica: a do *substrato étnico*, de Ascoli; a das *tendências da língua* (deriva) sustentada por Meillet; a da *descontinuidade das gerações*, também apresentada por Meillet; a do *menor esforço*, uma das mais vulgarizadas, também conhecida como da *economia da expressão*, na feição defendida por Jespersen. Ao final, teríamos de concluir com Grammont: “il n’y a pas une cause, il y en a un grand nombre”.

O Cap. VIII trata das “ciências lingüísticas”. Distingue inicialmente o Prof. Coseriu entre uma Lingüística Geral e várias Lingüísticas particulares. Compõem estas os seguintes ramos: *Fonética* (os sons da fala), *Fonologia* (os sons da língua), *Semântica* (relação entre significante e significado), *Lexicologia* (estudo das palavras, de um modo geral), *Etimologia* (estudo da história das palavras), *Gramática* (estudo descritivo e sistemático de uma língua histórica, subdividido em *Morfologia e Sintaxe*), *Estilística* (estudo dos sinais lingüísticos como sintomas e apelos). Coseriu faz ainda referência a outras disciplinas, dentre as quais convém destacar a *Geografia Lingüística*, que melhor diríamos ser um método que investiga a língua oral, particularmente a de comunidades rurais (hoje o método inclui cidades e até a modalidade culta), projetando-a em cartas geográficas que irão constituir um atlas lingüístico.

O Prof. Coseriu houve por bem abrir um capítulo, o último, para apreciar o aspecto fônico da linguagem; intitulou-o *Fonética*. É que ocupa-se aqui com os aspectos acústico e articulatório dos sons da linguagem. Descreve-os, classifica-os, seguindo um modelo tradicional, que não se acha superado, porque é continuamente utilizado. Distingue entre o valor *icástico* (imitativo, motivado) dos fonemas e o seu caráter “arbitrário”. A tendência é sempre passar do icástico ao arbitrário.

A *Introdução* possui ainda uma *Bibliografia Essencial*, uma *Nota* de José Polo, e vem enriquecida com os seguintes índices: *de Autores*, *de Autores e Obras*, *de Escolas*, *de Outros Nomes*, *de Povos e Etnias*, *de Nomes Geográficos*, *de Línguas*, *Dialectos*, *de Formas Lingüísticas* e *de Tecnicismos*, *Semitecnicismos* e *Conceitos Vários*.

Livro antigo. Mas como ensina!

Sílvia Elia

ATLAS LINGÜÍSTICO DE SERGIPE (UFBa/FUNDESC, 1987)

O Brasil entrou atrasado no campo da Dialectologia: somente em 1965, graças ao esforço pioneiro do carioca Nelson Rossi e de sua equipa da Universidade Federal da Bahia, foi publicado o *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (APFB), que teve justa repercussão em todo o mundo românico.

A mesma equipe, lutando sempre contra toda a sorte de empecilhos, estendeu sua atividade a Sergipe, e desde 1973 tinha pronto o *Atlas Lingüístico de Sergipe* (ALS), que, por percalços de vária ordem, só pôde ser impresso, numa co-edição da UFBA e da Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, no final de 1987.

Durante os 14 anos que separam o apronto e a edição do ALS, o rico material propiciou a sua utilização em numerosos trabalhos monográficos (a maioria dos quais comunicações a Congressos em São Paulo e em Porto Rico, até hoje à espera de publicação) e teses universitárias.

No longo intervalo destes dois atlas da equipe da UFBA, apenas outros dois se editaram no Brasil: o *Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais*, elaborado por um grupo de professores da Universidade Federal de Juiz de Fora, e levado a termo pelo dinamismo do Prof. Mário Roberto Zágari, publicado pela Fundação Casa de Rui Barbosa em 1977 (graças à decisão do seu então Diretor Executivo Irapoan Cavalcanti de Lyra), e o *Atlas Lingüístico da Paraíba*, realizado sob a direção de Maria do Socorro Aragão, da Universidade Federal da Paraíba (1985), com o apoio do CNPq.

(Sabemos que está em vias de ultimização o A.L. do Ceará.)

É muito pouco para um país da extensão do Brasil; mas é difícil encontrar dirigentes universitários "dotados de respeito e sensibilidade para com os trabalhos lingüísticos". E essa demora põe em risco de perda muitos fatos preciosos da Geografia Lingüística no Brasil.

Nas 156 cartas do ALS (há 11 introdutórias e 8 cartas-resumo), ficamos sabendo, p. ex., que também em Sergipe há lugares em que *lua é luna* e as estrelas cadentes *se mudam*; as *matinas* (crepúsculo) não são apenas da manhã, mas também "quando é seis horas, que já é hora perto do sol se pôr"; a neblina ou nevoeiro pode ser *neve* e a terra unedecida pela chuva é *sarolha*; o trabalhador de enxada em muitos lugares ainda é o *pataqueiro* (se bem que a pataca de há muito não exista); o canteiro é *leira*, a cachaca ou o álcool se guardam em *dornas*; o siso é o dente *queiro*, e *conta* equivale a *pérola*; o *califon* (sutiã) não se pendura no *torno* (cabide de parede); uns têm a pele cheia de *neguinhos* (sinais), outros de *ovos-de-peru* (sardas); durante o *entojo* (enjô da gravidez) muitas mulheres *gomitam*; um *argueiro* (cisco) pode provocar *dor-d'olhos* (conjuntivite); um *lambedor* (xarope caseiro) é preferido pelos *somfícos* ou *fonos* (avarentos) a remédios caros; os *malinos* (meninos travessos) perseguem as *guínés* (galinhas-d'angola) no *chiqueiro* (galinheiro); os *mamotes* (garrotes) acompanham as vacas às *capineiras* ou *mangas* ou *soutas* (pastor). E assim por diante.

Como se vê, um tesouro de formas que aos poucos vão se perdendo e que cumpre registrar noutros Estados enquanto é tempo.

Adriano da Gama Kury

MARCEL CRESSOT. *O estilo e as suas técnicas*. Da Coleção Signos. Tradução de Madalena Cruz Ferreira. Lisboa, Edições 70, 1980.

Trata-se, como já se viu, da versão portuguesa de um dos melhores livros escritos sobre a jovem ciência, ou disciplina, batizada como Estilística por seu fundador, Charles Bally, discípulo e editor de Ferdinand de Saussure. Poucos anos depois do mestre francês, o lingüista germânico Karl Vossler trouxe análoga novidade ao campo dos estudos lingüísticos, mas com objetivo diferente e utilizando um método totalmente diverso. Abre, então, o século XX com duas propostas novas, uma muito fecunda, outra realmente de vida pouco mais que efêmera, porque a Estilística de Vossler, de Spitzer e de Amado Alonso, foi suplantada por outras correntes mais ou menos vaporosas e, por fim, foi deglutida pelas diversas Teorias da Literatura, conflitantes ou excludentes uma da outra.

Apoiado na clássica dicotomia saussuriana, tenho dito que a rota aberta por Bally conduz a